

## Os relatórios de Graciliano Ramos<sup>1</sup>

Prof. Dr. Marcos Falchero Falleiros<sup>2</sup> (UFRN)

### **Resumo:**

*Os relatórios que Graciliano Ramos apresentou como prefeito de Palmeira dos Índios, entre 1929 e 1930, anunciam uma grande obra em gestação, cujo estilo seco, sagaz e asseverativo, tem sua semente no período da infância solitária e na sofrida alfabetização que o menino enfrentou sob o ambiente rústico sertanejo.*

**Palavras-chave:** Graciliano Ramos, Relatórios de Graciliano Ramos, Literatura Brasileira Moderna, Gênese de estilo.

Nos dois relatórios anuais que precederam o aparecimento de **Caetés**, obra vinda a público em dezembro de 1933, Graciliano prestava conta do desempenho de prefeito de Palmeira dos Índios na curta gestão de dois anos e pouco, entre 1928 e início de 1930. Repercutiram pelo país provinciano como uma anedota vinda do sertão em linguagem antibacharelista e abusada, com inesperado teor de retidão administrativa, moderna e positivista. Cinco anos depois do lançamento de **Caetés**, incluídos dez meses e dez dias de cárcere, o escritor tinha produzido e publicado toda a sua ficção essencial, ciclo encerrado com **Vidas secas**, em 1938. Confirmou a história, a respeito de como foi descoberto, em discurso de agradecimento à **Homenagem a Graciliano Ramos**, no seu cinquentenário em 27 de outubro de 1942: os dois textos de âmbito oficial provocaram o convite de Augusto Frederico Schmidt para a publicação de um romance, que adivinhava o poeta-editor ter o prefeito matuto já construído com aquele estilo (1943, p. 25). Numa série de artigos, logo após a morte de Graciliano, Marques Rebelo, abandonando o próprio texto, cita sem se conter passagens impagáveis dos relatórios, quando relembra a primeira vez que os viu, sob forma de folhetos com capa cor de telha, sendo devorados sovinaamente por Rômulo de Castro, o funcionário de Schmidt a seguir encarregado dos contatos por carta com o prefeito alagoano, certamente escritor. (apud LIMA, 1994, p. 95-104).

Northrop Frye, numa obra que acolhe intensa erudição para responder ao que é literatura através de uma articulação teórica complexa, mostra a dificuldade de circunscrever seu objeto quando define a linguagem por duas direções: a direção para a literatura, interna, centrípeta, e a direção para a referência fatural, externa, centrífuga. Mas observa que os textos externos freqüentemente sobrevivem em razão de seu estilo ou de sua configuração verbal atraente, depois que sua funcionalidade para a representação dos fatos se perdeu. Sobre a retórica da prosa não literária, a respeito de alguns sermões, cartas, o discurso de Lincoln, a fala de Vanzetti, as falas de 1940 de Churchill, diz: “Nenhum destes teve intenção primacialmente literária, e teria falhado a seu propósito inicial se tivesse tido, mas são todos literários agora, e dados para o crítico”. (FRYE, 1979, p. 79 e 320).

Sem que se possa, entretanto, negar-lhes “intenção primacialmente literária”, vêm à mente do leitor brasileiro os casos riquíssimos dos sermões de Vieira e de **Os sertões**, de Euclides da Cunha – este, um ensaio de história, geografia, sociologia dado irrefutavelmente à literatura como não-romance. Em menor escala podemos considerar assim também os relatórios do prefeito Graciliano, cuja aplicação de âmbito mais prosaico e reduzido a dois anos, faz deles peças, em sua pequenez de funcionalidade externa, mais ainda significativas para o campo literário.

Arredondadas as datas e a idade, a vida de Graciliano seguiu mais ou menos o seguinte percurso: - Quebrangulo: 1892-1895, até os dois anos, - a fazenda de Buíque: 1895-1897, dos 2 aos 4 ou 5 anos, - a cidade de Buíque: 1897-1900, dos 4 ou 5 aos 7 anos, - Viçosa: 1900-1910, dos 7 aos 18 anos, com internato em Maceió em torno de 1905, - Palmeira dos Índios: 1910-1930, dos 18 aos 37 anos, com a viagem de um ano ao Rio, entre 1914-1915, - Maceió: 1930-1936, dos 37 aos

43 anos, com o intervalo de 1932 em Palmeira, - Rio de Janeiro: 1936-1953, dos 43 anos aos 60, com sua primeira viagem ao exterior, para a Europa, União Soviética em 1952, e, às vésperas de morrer, para a Argentina.

Os relatórios foram de fato produções de um escritor devotado à literatura desde menino, imediatamente após uma alfabetização martirizada e desentendida com a inauguração do mundo, como indicam as confissões de **Infância** a respeito do processo por que passou desde o aceno do pai, “o Tentador”, “numa manhã funesta”, com a oferta “pérfida” de uma “arma terrível” a ser adquirida: “adivinhar os sinais pretos de um papel amarelo”. Depois de gritos e muita palmatória caseira, de Buíque a Viçosa, na escola infligiram à criança de sete anos **Os Lusíadas**, além de leituras moralizantes enjoativas em impressos borrados com letras manuscritas, sobre os quais o menino suava – para ficarmos só no resumo de uma jornada conduzida por professores toscos e sinistros, que fizeram dele, depois de dois anos de escola, um semi-analfabeto:

E achava-me inferior aos Mota Lima, nossos vizinhos, muito inferior, construído de maneira diversa. Esses garotos, felizes, para mim eram perfeitos: andavam limpos, riam alto, freqüentavam escola decente e possuíam máquinas que rodavam na calçada como trens. (RAMOS, 1984, p. 130 e 199).

Os vizinhos, filhos do então renomado farmacêutico de Viçosa, Dr. Mota Lima, é que se tornariam seus mais permanentes interlocutores da iniciação literária, particularmente um deles, muito presente na correspondência publicada, o amigo “Pinto dos pés compridos”, Joaquim Pinto da Mota Lima Filho, companheiro de aventura na viagem ao Rio de Janeiro em agosto de 1914. Esta seria, aos 21 anos, a primeira tentativa, gora, de fixar-se na então capital do país, para onde só voltaria definitivamente em 1936, preso.

Ao publicar seu primeiro romance aos 41 anos, Graciliano involuntariamente criou o equívoco de que fosse um autor temporão, e, da companhia dos mais jovens, recebeu o apelido de Velho Graça. De **Infância** a múltiplos informes biográficos daí provindos, soube-se depois que estreou próximo de 12 anos de idade no jornalzinho **O dilúculo**, “folha impressa em Maceió, com duzentos exemplares de tiragem quinzenal”, que o novo agente do correio em Viçosa, Mário Venâncio, ator, poeta e suicida, como professor improvisado de geografia propôs que os pupilos fundassem – fogo de palha a que Graciliano e o primo se apegaram encarniçadamente. Então o diretor-mirim do periódico, que depois do primeiro número se transformaria em “Ramos de Oliveira”, ali publicou o conto “Pequeno pedinte”, completamente refeito pelo mentor, “fecundo em palavras raras”:

Tinha oito anos.

A pobrezinha da criança sem pai nem mãe, que vagava pelas ruas da cidade pedindo esmolas aos transeuntes caridosos, tinha oito anos.

Oh! Não ter um seio de mãe para afogar o pranto que existe no seu coração.

Pobre pequeno mendigo.

Quantas noites passara dormindo pelas calçadas exposto ao frio e à chuva, sem o abrigo do teto.

Quantas vergonhas não passara quando ao estender a pequenina mão, só recebia a indiferença e o motejo. Oh! Encontram-se muitos corações brutos e insensíveis.

É domingo.

O pequeno está à porta da igreja, pedindo, com o coração amargurado, que lhe dêem uma esmola pelo amor de Deus.

Diversos indivíduos demoram-se para depositar uma pequena moeda na mão que se lhes está estendida.

Terminada a missa, volta quase alegre, porque sabe que naquele dia não passará fome.

Depois vêm os dias, os meses, os anos, cresce e passa a vida, enfim, sem tragar outro pão a não ser o negro pão amassado com o fel da caridade fingida. (apud CRISTÓVÃO, 1977. p. 38).

Graciliano avisa que Mário Venâncio, além de pressagiar, para alarme, soberba, orelhas vermelhas e atarantamento do menino, bom futuro aos seus escritos, onde via sinais de Coelho Neto e Aluísio Azevedo, impunha uma literatura encrocada, Zola, Victor Hugo, de cuja insipidez e obscuridade ele fugia secretamente para retornar à capa e espada dos folhetins, vítimas de sua ingratidão, traídos pela obrigatoriedade à alta literatura imposta pelo mentor.

Sua iniciação à literatura por conta própria, depois das primeiras decifrações e em meio a acessos de religiosidade que misturavam santos e heróis, com altos e baixos entre as imagens sacras e livros na estante do quarto, encerrava assim a primeira fase do arrebatamento magnetizado para a leitura de histórias, tão bem nutrida pelo tabelião Jerônimo Barreto, à biblioteca de quem o menino tímido recorreu tomado de uma coragem para pedir empréstimos de livros que nunca conseguiu explicar a si mesmo. Depois da “prosa fofa” de **O guarani**, o benfeitor desviou-o para “as obras de carregaço” dos folhetins. (RAMOS, 1984, p. 222).

A segunda fase da formação literária passava a ser conduzida pela exótica marmota maltrapilha e sombria, o “amável profeta”, que antes de tomar ácido fênico transformou sua casa-agência do correio em “asilo de doidos”, onde reduzia os discípulos a simples testas-de-ferro do jornalzinho, refazendo suas “artes”, como o “Pequeno mendigo”, com tantos arrebiques e interpolações que do original pouco se salvava, nos termos do Graciliano envelhecido de **Infância**: “Envergonhava-me lendo esses excessos de nosso professor: toda a gente compreenderia o embuste.” (1984, p.237-239).

Entretanto se observarmos estilo e conteúdo de Mário Venâncio no texto “Simão Pedro”, de sua autoria explícita, publicado em **O dilúculo** de 26 de julho de 1904 e dedicado “Ao Ramos de Oliveira”, notaremos a diferença entre o texto infantil corrigido e o do professor aficionado de Coelho Neto:

Jerusalém, a deícida, dormia sossegadamente à luz pálida das estrelas. Sobre as colinas pairava uma tênue neblina, como se fosse o hálito da grande cidade adormecida. Fazia um frio intenso; e a brisa que vinha do lado do monte das Oliveiras, atravessando a fria torrente do Cédron, trazia o suavíssimo perfume dos brancos lírios e das rosas silvestres. Nos campos, à soleira da porta dos cabreiros, cães de vigília ululavam lugubrememente; e, no silêncio da grande noite calma, de quando em quando, uma ovelhinha tresmalhada balia sentidamente. (apud CRISTÓVÃO, 1977, p. 229).

Dáí podermos presumir que a autoria mirim se efetivou com mais iniciativa que a modéstia de Graciliano confessa e, assim, saudar em o “Pequeno pedinte”, à maneira de “A pequena vendedora de fósforos” de Hans Christian Andersen, ou da literatura de Dickens, ou ainda de *Cuore* de Edmondo De Amicis, o teor de sensibilidade que levaria os olhos adultos do anjo ateu a acompanhar compungidamente os espoliados da História em **Vidas secas**, na expectativa aflita e desolada de que pelo menos os filhos alcançassem seus papéis na luta de classes, rumo à proletarização no Sul industrializado.

O percurso biográfico que acabou por conduzir Graciliano Ramos à autoria literária nasceu de uma alfabetização infeliz e do conseqüente incitamento para decifrar as letras, sob a promessa de uma colheita do mundo à maneira de os astrônomos lerem as estrelas do céu, tal como a doce prima Emília lhe sugeriu para apaziguar as agonias em busca de sentido confessadas pelo menino semi-analfabeto. Era o sentido que vislumbrara, a luzinha quase imperceptível, como diz o texto de **Infância**, que surgia longe, apagava-se, ressurgia, vacilante, nas trevas do seu espírito. (RAMOS, 1984, p. 201, 203). As letras gaguejadas, estrelas que acenavam com fascinação, vinham de um livro cuja estória, oferecida e negada pelo pai impaciente, falava de uma família perdida, à qual o menino se irmanava, na prefiguração dos deserdados de **Vidas secas**. Era o sentido que procurava, para, afinal, como demonstra Alcides Villaça a respeito de um Fabiano encantado, desvendar nas palavras, num intervalo de felicidade, a poesia dos nexos lógicos (VILLAÇA, 2006, p. 20-23). Graciliano encerra esse capítulo com o peso da distância de um demorado percurso:

Os astrônomos eram formidáveis. Eu, pobre de mim, não desvendaria os segredos do céu. Preso à terra, sensibilizar-me-ia com histórias tristes, em que há homens perseguidos, mulheres e crianças abandonadas, escuridão e animais ferozes. (RAMOS, 1984, p. 204).

Com 32 anos de idade, viúvo desde 1920, pai de três meninos e uma menina, aparentemente condenado ao balcão da Loja Sincera de chita e aviamentos, a retomada da vocação para a literatura em torno de 1924, nove anos depois de enterrada pela experiência do Rio e do casamento imediato ao retorno em 1915, exumará uma longa história. A coletânea das cartas, que publica sua correspondência somente a partir dos 18 anos, indicia os antecedentes e revela farta produção já nesse primeiro momento, em 1910, até que ele voltasse do Rio.

Surpreendemo-nos ao deparar nas **Cartas** um jovem de espírito oposto ao que será o narrador escuro sob a geometrização clara da memória em **Infância**, montada quadro a quadro com a precisão da ordem cronológica. O menino febril, desde o despertar da consciência até a precocidade triste da primeira experiência sexual, que foi reencontrado a partir de 1938, período em que começa a escrever a obra, em torno dos 46 anos de idade, vindo de **Angústia** e passado por **Vidas secas**, enclausurado numa subjetividade expressionista e silenciosa, estranhada no mundo que se desvelava aninhado pelos gritos de uma família alheia, de pai e mãe cruentos, o menino não existe mais, ainda não existe. Entre a entrada no mundo pela passagem da alfabetização maltratada e a memória geometrizante da dor construída pelo escritor maduro, o que o intervalo revela é o aconchego familiar que abriga o caráter jocoso do primogênito querido, cheio de bonomia e inteligência para com os limites dos pais, tratados com o mesmo carinho que o buliço das muitas irmãs meninas e do irmão quase dez anos mais novo, único irmão homem até o período da primeira viagem ao Rio de Janeiro (Graciliano teve 11 irmãs e 4 irmãos. Destes, criaram-se 10 irmãs e 3 irmãos. No momento de sua ida ao Rio de Janeiro, em agosto de 1914, ele tinha, vivos, 10 irmãs e um irmão).

Em maio de 1915, aos 22 anos, definida sua retirada do Rio, ele confessa ao pai – um anúncio da interioridade complexa da obra futura – que só escreve coisas tristes para guardar consigo, mas as que publica são alegres, e mesmo – diz, com excesso de escrúpulos – impróprias para a irmã mais nova que Leonor, Otilia, a quem evitou enviar as crônicas do **Paraíba do Sul**, feitas numa linguagem “um tanto ligeira”, inadequada à “ignorante provinciana que vestes saias largas”, “que não come com garfo, não tem doze dúzias de namorados.” (RAMOS, 1994, p. 59). Afora a confissão mais sombria, cercada de jocosidade, predomina no período o bom-humor extrovertido e sagaz.

Aos 18 anos, após sua chegada a Palmeira dos Índios, na mudança de Viçosa em 1910, Graciliano escreve à mãe pedindo notícias da saúde das irmãzinhas Marili, de quase quatro anos, e Carmem, de um e pouco, antes que a tenção do literato já se exponha cheia de espírito: diz que a cidade é menos ruim do que julgava, sugerindo comparação com o progresso da vizinha Viçosa: não há cafés, há maus bilhares, cerveja ruim, nenhum divertimento. Conclui que é, portanto, um lugar propício para economia, e se despede: “Logo apareço, daqui uns dez anos”. (RAMOS, 1994, p. 15).

Depois dessa, que é a primeira das cartas coletadas, o que vem é a atividade ininterrupta e entusiasta da vocação juvenil do escritor, numa dinâmica, junto ao amigo Pinto, agora mais distante, obcecada com as primícias literárias e com a publicação delas, com os “seus” **Malhos**, para que os reservem quando das temporadas na fazenda em Maniçoba de clima seco e saudável – propriedade da avó materna, perto da Buíque pernambucana de **Infância** – ou quando pede ao amigo recortar e enviar alguma coisa sua que apareça na revista-jornal do Rio de Janeiro. Ao completar 19 anos, em 27 de outubro de 1911, dirigindo-se a Joaquim Pinto, refere-se ao irmão deste, Rodolfo, já então residente no Rio, como “ex-futuro membro da Academia Brasileira de Letras” – e percebemos que nessa condição também se inclui, pois a qualificação acusa Rodolfo de ter desistido “covardemente” da “obra fundamental que estávamos a escrever”. Com a obra em parceria e com a formulação à portuguesa do “estávamos a escrever” sente-se o ressaibo de Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão em **O mistério da estrada de Sintra**. Graciliano fala de sonetos, alude com galhofa a pseudônimos e

reclama dos tipógrafos do **Jornal de Alagoas**, que lhe estropiam os trabalhos, como fizeram com um texto seu, "uma coisa parecida com juízo crítico" sobre a tradução **Il cacciatore di smeraldi**, de Carlo Parlagreco. (1994, p. 17-18).

É uma festa feliz em tempos alvissareiros para estes garotos que têm "fumaças de literatura", como diz Graciliano a respeito do amigo vizinho, agora um pouco mais distante, quando o convida a vir de Viçosa, garantindo-lhe para a hospedagem um quarto apropriado a tal espécie, com "um bocado de livros, uma bilha d'água, papel, penas e tinta". A sofisticação intelectual mistura-se a um provincianismo juvenil, que ainda se interroga sobre aderir à escola romântica ou à realista, em teorizações dos flertes da missa e da praça, nas considerações de que melhor que o mal dos amores e o conseqüente estado de êxtase em devaneios paralisantes da escrita é "abandonar tudo isso e meter-se a gente em casa a fazer contos e a fazer versos", ou na encomenda – "nada realista" – de contas brancas de aljôfar, das pequenas, boas, que uma aparição angelical reclamou indignada não haver em Palmeira dos Índios – solicitude de quem ainda assim não quer ser visto como um **augustino** (Maria Augusta, sua futura esposa, na volta do Rio) a adular imperatrizes romanas. (1994, p. 19, 23, 22).

No decorrer desses anos, quando infecundo para os sonetos, lembra ao amigo: "Aquele monte que nós víamos do oitão da igreja, azul, doirado pelo sol da tarde, não é o Parnaso, com certeza". Joaquim Pinto faz poemas em francês, "língua miserável inventada pelo diabo", que Graciliano se recusa a estudar, tanto quanto o italiano, do qual já sabe, aos vinte anos, mais "do que era preciso saber". Mas desmente a fanfarronada ao mostrar-se lidando com obras estrangeiras, epígrafes e títulos em italiano nos poemas, empenhado na tradução do soneto do amigo, **Désillusion**, quando compara a métrica francesa com os ensinamentos do **Tratado de versificação** de Olavo Bilac e Guimarães Passos. (1994, p. 24, 19, 25).

Ironiza em outro soneto de Pinto da Mota Lima, **Mirage**, a parlapatice da mentirada poética, em que o flerte à distância da moçoila de Palmeira, transforma-se, no poema, em passeio, palavras açucaradas e beijos. Ou comenta suas peripécias, a respeito do pseudônimo, Japuru, usado pelo amigo, emitente de carta "magnífica", "cheia de uma seriedade idiota de indivíduo que tem muita certeza de estar fazendo coisa boa", com o envio de alexandrinos sem sentido "que mandaste ao **Malho**". Após uma semana, pergunta se Joaquim viu ali publicada "essa extraordinária **Cornucópia**, o fruto mais perfeito da parvoíce humana", e acrescenta: "O Policarpo Japuru esperou pregar uma troça ao **Malho**, mas saiu logrado. Ah! V. julgava estar fazendo coisa sem sentido? Não senhor, tudo aqui está muito bom, fique v. sabendo.". (1994, p. 28, 23, 25). A contrariedade com as embrulhadas sintáticas dos sonetos obscuros será constante, desde a primeira entrevista como escritor, com 17 anos, ao **Jornal de Alagoas** (cf. SANT'ANA, 1973, p.24-27), colocado precocemente e à revelia no rol dos intelectuais da terra, até a crônica dos **traços a esmo** no **Paraíba do Sul**, em que criará a figura de um poeta miserável com alexandrinos sem sentido.

Ainda a respeito das troças ao **Malho**, entre muitos de seus pseudônimos que subscreveram sonetos e atividades jornalísticas desde a meninice até a viuvez de 1921 – Feliciano de Olivença, Soares de Almeida Cunha, com variantes abreviadas, Lambda, Anastácio Anacleto, J. Calisto, acrescentados depois de nove anos, em 1930, do Lúcio Guedes para algumas crônicas no **Jornal de Alagoas**, quando não foram assinadas por G. R. (SANT'ANA, 1983, p.33) – vemos durante este percurso como o jovem Graciliano identificava o de Soeiro Lobato no longo período de suas colaborações poéticas à revista do Rio, de 1909 a 1913, segundo pesquisa de Moacir Medeiros de Sant'Ana: "Manuel Maria Soeiro Lobato, brasileiro, nosso amigo, residente em Viçosa – Estado de Minas – e que, por muito tempo, residiu também em Portugal". (SANT'ANA, 1983, p. 17).

Brinca com a homonímia das cidades xarás, a sua e a de Minas Gerais, e indica a consciência de sua dicção portuguesa graças ao aprendizado com Eça de Queiroz, autor sob cuja leitura reiterada das mesmas obras, a ponto de ter passagens ou capítulos decorados (RAMOS, 1992, p. 72, 114-115), firma a preferência juvenil em meio à devoração do melhor da literatura ocidental. Tanta sabedoria não impede as molecagens vivazes de inteligência e crítica, também a que zomba do

pseudônimo para “as penitências” publicadas no **Jornal de Alagoas** por um “Rui d’Alcântara”, “tipo que parece aparentado com o nosso ex-embaixador em Haia e com S.M. D. Pedro Banana, que o diabo tenha debaixo de sua santa guarda”. Trata-se de um “Alcântara” diagnosticado como mais infeliz que um outro pseudônimo, pois vê “uma coisa que ninguém viu – uma trovada em junho”(RAMOS, 1994, p. 17) – assim Graciliano tripudia sobre o amigo, talvez retomando a brincadeira do início daquele ano, quando “Soeiro Lobato”, pois residente por muito tempo em Portugal, publicara no **Malho** quatro sonetos sob o título “Velhas páginas”, prova definitiva, como revela Valentim Fiacoli, da dicção francamente portuguesa, de tal modo que o ciclo das estações do ano passa a ser europeu: em maio, primavera e em setembro, estio. (FACIOLI, 1987, p. 29).

Por aí vamos vendo o Graciliano de sempre, próximo do nascedouro. Aos 18 anos, em Maniçoba, manda à mãe lembranças de “Padre João Inácio” e de “José Leonardo”, dois títulos futuros de capítulos de **Infância** sobre as figuras marcantes do tempo de Buíque, no sertão pernambucano. Aos 21, informa ao amigo que está terminando um conto, já com setenta páginas: “Se chegar a concluí-lo – o que acho difícil, quase impossível, porque caí na tolice de me meter em certas funduras – talvez te mande uma cópia.” Mas não deixa de cobrar: “Olha que estou aguardando uma récu de alexandrinos teus. Se os fazes como fazia aqui aqueles célebres sonetos filosóficos, a coisa é fácil.”(RAMOS, 1994, p. 21). Menos de dois meses depois, confessa: “Sinto-me incapaz de escrever. Queres crer que a última coisa que me saiu da cabeça foi aquele pobre **Estrelas**? Abandonei o **Sudra**, faz mais de um mês que não olho para ele. E já estavam escritas cento e cinquenta tiras.” (1994, p.28). O aumento da quantidade de páginas indica a nascente tendência de sua obra construtiva e paratática em começar pelo conto para terminar no romance, tanto quanto o significado do termo, descontado o ranço arcaizante do título à Coelho Neto, certamente uma remanescência da formação infanto-juvenil de Viçosa – “pária”, no sistema hindu de castas – parece dar o tom do futuro autor de **Caetés** ou **Vidas secas**, se concedermos ao seu campo semântico irradiações de sentido para o bárbaro degenerado e o desvalido.

Do mesmo modo a plasticidade do estilo seco e a imobilidade de um construtivismo duro, composto sob o regime da paralisia e da dificuldade, além do Parnasianismo e de Coelho Neto, revelam suas raízes nas ansiedades do autodidata pela determinação do real, como no soneto **Céptico**, “Sceptico”, publicado no **Jornal de Alagoas** de 10 de fevereiro de 1909 (cf. SANT’ANA, 1983, p.16), em que aos 16 anos a profissão de antifé do conteúdo faz jus à contraposta falta de musicalidade de sua sintaxe precisa:

Quanto mais para o céu ergo o olhar compungido,  
De tristeza repleto e de esperança vazio,  
Mais encontro impiedoso, agitado e sombrio  
Sempre o céu que me abate e me torna descrido.

É em vão que a crença busco, embalde fantasio  
Meu passado sem névoa, meu passado perdido...  
Só sinto o coração pulsando colorido  
Ao peso glacial de um cepticismo frio.

Tenho a cabeça em brasa e o pensamento enfermo.  
A alma se me compunge e tudo é triste e ermo  
Nos arcanos sem fim de um peito esquelético.

Pesada treva envolve o meu olhar ardente,  
E mais fico agitado e mais fico descrente  
Quanto mais para o céu ergo os olhos de céptico.

(apud FACIOLI, 1987, p. 30).

Ou ainda, do mesmo modo, muitos anos depois, com uma existência passada por muitas provas, mas ainda não tantas como as da grande obra, do renome e do cárcere, em que o

comerciante volta a se corresponder escassamente, desde a viuvez em 1920, com o amigo que ficou no Rio, para só agora em 1926, aos 33 anos, dar sinais de um interesse intelectual ressuscitado, quando firma o argumento materialista através da divagação filosófica, “salada de tolíces” a moer a paciência do bom Pinto, contraditória ao antigo idealismo do amigo e à leitura do astrônomo e espírita Flammarion, indicada pelo Dr. Mota:

Dize-lhe também [ao pai, Dr. Mota] que comprei o último livro do Flammarion e andei lendo aquilo uns dias, na esperança de encontrar alguma coisa que me convencesse. Aqui para nós, deixei o livro mais desiludido que quando comecei a leitura. Que valor têm essas coisas? Que valor tem um fato? Que resta dele além das sensações que nos deixa? Quanta coisa há que não podemos perceber! E as que apreendemos com certeza não são como as sentimos. Tenho observado que o nosso caboclo não percebe as cores. Um sujeito sabido quis um dia demonstrar-me que o matuto distingue as cores como toda a gente e apenas se engana nos nomes delas, o que é absurdo, porque não é possível que não possa gravar seis ou oito palavras uma criatura que ordinariamente dispõe de um vocabulário de duas ou três mil. Um dia destes, no banho, diverti-me em atirar à bica punhados de folhas. Depois ia vê-las cair, mas, por mais que fizesse, por mais que fixasse a vista, apenas via atravessar a corrente uma faixa verde. Ora, se o sentido que eu tenho mais perfeito assim me engana que valor posso dar ao que ouço, ao que pego, ao que os outros me dizem que viram? (RAMOS, 1994, p. 82).

Trata-se de uma visão de mundo equacionada pela vida toda, como prova o rigor construtivista da obra literária daí advinda a modo de resposta pétrea à instabilidade do real. Mas ainda que a percepção do mundo seja mais sincera que o fingimento poético do menino céptico dos 16 anos, a jovialidade esperançosa é inegável no período anterior ao Rio frustrado de 1915, compondo uma ilha de **Belle Époque** alagoana escondida nas cartas sertanejas entre os dois amigos, à qual tanto deverá a configuração de **Caetés**. Entretanto é uma época que traz a germinação antitética da grande obra marxista a partir de **S. Bernardo**, pressentida no programa de leitura de 8 de fevereiro de 1914: a **Origem das Espécies** e **O Capital**, entre outras heresias, e “uma infinidade de gramáticas”: “De nenhum livro cheguei a ler vinte páginas.” (RAMOS, 1994, p. 24). É assim que depois da Sociologia Criminal das leituras de 1924, **S. Bernardo** retornará à fonte em 1932 para a construção de seus bastidores, como confessa em carta a Heloísa Ramos: “E não escrevo mais hoje. O **S. Bernardo** espera até amanhã. Agora vou enxugar a cabeça, ler um bocado de economia política, dormir e sonhar com você.” (RAMOS, 1994, p. 133).

Tais leituras de “economia política” mostrar-se-ão igualmente fonte inesperada de futuras acusações, como as de Manuel Leal, lembradas em **Memórias do cárcere**, num modo enviesado de confessar a formação juvenil e solitária de esquerda. O velho conhecido do interior de Alagoas tinha olhos vivos, riso fácil e piadas sem graça de caixeiro-viajante, os cabelos anelados e negros seduziam as mulheres na época em que se hospedava na casa de Graciliano, e com ele ia ao bilhar, cenário cuja trama geométrica de jogo mostra-se, nas linhas de força retas, como um despertar da obra no mundo do autor, presença mantida como tema somente até **Caetés**. Agora, companheiros de prisão, Graciliano acompanha com piedade os despropósitos do rosto murcho, de olhos apagados na velhice que desaba rápida carregando tijolos na Colônia Correcional, coberto de pó vermelho, suado, sempre em silêncio até o dia em que, ríspido, Manuel Leal quer saber por que está preso. Quando Graciliano responde que também não sabe o motivo de sua prisão, o homem engasga-se apoplético, e, sem se dar conta de nenhuma discricção, grita acusações que poderiam servir à polícia:

– Você? Ora essa! Está preso porque é comunista. Sempre foi.

[...]

– Desde menino. Sempre foi. Ainda usava calças curtas e já lia essas coisas no balcão de seu pai. Mas eu? Que foi que eu fiz para estar aqui? Hem? Explique. (RAMOS, 1985, vol. II, p. 123).

Vinte e dois anos antes da Colônia Correcional de Dois Rios, no meio de 1914, ao saber da ida do amigo Joaquim Pinto, de Viçosa para o Rio de Janeiro, entre a alternativa de tornar-se padre, afirmada com ênfase suspeita, e a de seguir o amigo, transformado em convidado, repentinamente apresenta a proposta gaiata:

Finalmente, parece-me que, com a chegada da Paulista [rede de lojas] aqui, **seu** Sebastião Ramos resolve-se a procurar outro meio de vida. Tenho a vaga esperança de abandonar esta **porcaria**. E pergunto a mim mesmo que é que eu vou fazer. Tenho pensado em ser padre. (Seriamente, tenho pensado em ser padre). Parece-me que é a única profissão compatível com meu gênio.[...] A propósito de dentes [maledicência], têm-me dito ultimamente que vais para o Rio. É verdade? [...] Eu não me conformarei nunca com a libertação de um forçado que vivia comigo, no mesmo banho, preso à mesma grilheta. Fica prevenido. [...] Eu não escreverei nunca a um sujeito que trabalhe em um jornal no Rio de Janeiro. Sabes por quê? Porque vendo chita na Palmeira dos Índios.

No dia seguinte, antes de enviá-la, ele acrescenta à carta um N. B.:

Ontem, durante o dia e durante a noite, tomei uma grande resolução. Parece-me que vou para o Rio. Queres ir comigo? (RAMOS, 1994, p. 31-32).

Às vésperas da viagem, em carta de Viçosa, o jovem primogênito refuta irritado as sugestões paternas, vindas de contatos com Maceió, a respeito de emprego no comércio, e observa as dificuldades para se conseguir um emprego público: “Vou procurar alguma coisa na imprensa, que agora, com a guerra, está boa a valer, penso.” (RAMOS, 1994, p. 33).

Frustrada a carreira de escritor procurada no Rio, quis pôr fim às “fumaças de literatura”: casou-se e assumiu a loja de chita da pai. Anos depois, o ex-prefeito, cuja temporada pragmática provou bem sua capacidade empreendedora, confessaria já consagrado que essa espécie em que ele inescapavelmente se degenerou só é capaz de alguma coisa quando de frente para o papel: “Diante do papel é tudo: pinta o sete, mata, esfola. Tirem-lhe a pena e o tinteiro – desarmam-no” (RAMOS, 1980, p. 102). Na recaída literária canalizou a ação de sua dinâmica administrativa geométrica e enérgica para o tom dos relatórios, tom que Paulo Honório repete no campo da representação dois anos depois, praticamente ipsis litteris, através do estilo fazedor de “o resto é bagaço” (RAMOS, 1985a, p. 77-78): afinal, nada mais que o estilo de Graciliano Ramos, que rompe com a empolgação bacharelesca atendendo às exigências pragmáticas da modernidade burguesa e carregando nisto sua antítese contra as brumas mistificadoras do capital.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] CRISTOVÃO, F. A. **Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar**. Rio de Janeiro: Brasília/Rio, 1977.
- [2] FACIOLI, V. Um homem bruto da terra. Biografia intelectual. In: GARBUGLIO, José Carlos et al. **Graciliano Ramos**. São Paulo: Ática, 1987. (Escritores Brasileiros, 2).
- [3] FRYE, N. **Anatomia da crítica**. São Paulo: Cultrix, 1979.
- [4] **Homenagem a Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Alba, 1943
- [5] LIMA, M. H. G. de (org.), **Graciliano Ramos – Relatórios**. Rio de Janeiro: Record; Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1994.
- [6] RAMOS, G. **Cartas**. Seleção das ilustrações, diagramação, edição do texto, notas e apresentação de James Amado. 8. ed. ampliada. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- [7] ———. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- [8] ———. **Linhas tortas**. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1980.



- [9] ——. **Memórias do cárcere**. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1985.
- [10] ——. **S. Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 1985a.
- [11] RAMOS, R. **Graciliano: retrato fragmentado**. São Paulo: Siciliano, 1992.
- [12] SANT'ANA, M. M. de. **Graciliano Ramos. Achegas biobibliográficas**. Maceió: Arquivo Público de Alagoas/ Senec, 1973.
- [13] ——. **Graciliano Ramos antes de Caetés**. Catálogo da exposição biobibliográfica comemorativa dos 50 anos do romance. Maceió: Arquivo Público de Alagoas, 1983.
- [14] VILLAÇA, A. Imagem de Fabiano. In: PINHEIRO, H., NÓBREGA, M. (orgs.). **Literatura: da crítica à sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2006.

---

<sup>1</sup> Trata-se de pequeno trecho adaptado de *A chegada de Caetés*, ensaio conclusivo de estágio de pós-doutorado pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP, no período de 1-8-2006 a 31-7-2007.

## **Autor**

<sup>2</sup> **Marcos FALCHERO FALLEIROS, Prof. Dr.**  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)  
Departamento de Letras  
E-mail: [marcfal@ufrnet.br](mailto:marcfal@ufrnet.br)